

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

O respeito da auctoridade

O respeito da auctoridade é uma condição absolutamente necessária para que haja ordem e paz em qualquer sociedade. Auctoridade não respeitada é como não reconhecida, é como se não existisse.

Raras vezes se terá visto um povo em que o respeito da auctoridade se tenha tam completamente obliterado, como no povo português.

No seio da familia, não se respeita a auctoridade paterna: os filhos, mal sabem fallar, já quem mandar; aos creados, a quem se paga para que obedecam, parece-lhes sempre pouca a independência de que gozam.

Entra-se numa casa de educação: por mais suave e bem ordenada que seja a disciplina, por mais brandos e prudentes que sejam os educadores, vê-se madruguar nos educados, com os primeiros lampejos da vida litteraria, o espirito de conspiração e revolta contra os superiores.

Assim, não admira o que depois vem a revelar-se na vida social: as convivências, as leituras, os exemplos de quasi todos não podem deixar de fazer medrar e fructificar com largueza a damninha semente que germina desde o berço.

Qual a causa dum mal tam funesto?

Em primeiro lugar é a semente de soberba original, que brota espontânea da natureza corrompida.

Em segundo lugar é a péssima educação que geralmente se dá às creanças desde o alvorecer da vida.

Uma educação inteiramente alheada da religião, uma educação sem conhecimento, temor nem amor de Deus; ou, quando muito, uma educação de apparencia religiosa, em que, afóra uns formulários sem significação e umas práticas rotineiras, mais nada se faz por inculcar aos homens de amanhã um conhecimento methodico e razoavel das verdades e deveres fundamentais; uma educação aliás grosseiramente materializada e fanaticamente escravizada às mais ridiculas vaidades e às mais balofas superficialidades: uma educação assim como ha de gravar no animo do homem algum principio ou ideia profunda, algum sentimento que o penetre intimamente e, por assim dizer, subjugué sobranceiro as velleidades de petulantes paixões?

E' certo que por vezes, no lar doméstico e ainda nas casas onde se ministra a mais avariada educação, se ouvem sonoras phrases a respeito do dever que todos temos de respeitar as auctoridades legitimas: mas que póde valer semelhante luxo, quando o espirito não está preparado por uma formação adequada e, sobre tudo, quando os exemplos desmentem

continua e constantemente a significação das palavras?

Outro motivo deste miseravel estado de coisas sam as impertinentes, irritantes e absurdas modalidades de que tantas vezes se reveste a auctoridade.

Custa pouco a obedecer, quando quem manda é a razão, porque os seus principios, mais ou menos luminosamente explicitos, sam communs a todos os homens; em tal caso, quem obedece, obedece de algum modo a si mesmo.

Quando se divisa nos depositários da auctoridade uma intenção recta de promover o bem dos súbditos, um empenho sincero de os obrigar o menos possivel para colher a necessária somma de bens, então quem aconselha e impõe a obediência e o respeito, é menos a auctoridade do superior do que a razão e até o coração do súbdito.

Quando porém impera o arbitrio, o capricho, a vaidade, o interesse particular ou de partido, a vingança, ou semelhantes motivos vis e aviltantes, então ou se não obedece ou se obedece só exteriormente e por medo: mas o que nunca ha é respeito da auctoridade.

E quem negará que seja este o teor de procedimento, em muitissimos casos, não só das auctoridades particulares que regulam a vida doméstica, mas também das auctoridades públicas que governam a sociedade inteira?

Ora, não se mandando em nome dum principio superior, a que todos os homens se julguem sujeitos, donde vem aos homens o direito de exigir a obediência de seus semelhantes?

Lograrão extorquir pela força actos de apparente submissão: mas esta violência provocará a violência, e o seu predomínio só durará até que a força se possa oppôr a força.

Quando as coisas assim se orientam, os depositários da auctoridade excitam ódios em vez de respetos, como tyrannos em vez de amigos.

Assim é natural que os súbditos, não sendo dotados de mui sólida virtude, suspirem pela primeira oportunidade de sacudir um jugo por que se crêem injustamente aggravados e que abominam.

E o certo é que o influxo destes casos, que infelizmente sam frequentissimos, se estende, por uma generalização pouco lógica mas muito real, a todas as espécies de auctoridade e a todos os modos do seu exercicio, constituindo um factor importante da obliteração do respeito que lhe é devido.

Insubordinação?... Sam de todos os momentos e de todos os logares. Mas desgraçadamente só se pensa nellas, quando assumem proporções mais estrondosas. Ha pouco quem se lembre de que o estado geral dos espiritos, que mantem a sociedade toda numa perenne insubordinação mansa é o mesmo que, surgindo a oportunidade, sopra as insubordinações bravas.

«Estamos em cima dum brazeiro» disse ha poucos dias, segundo contam, o snr. Hintze Ribeiro: disse verdade, uma grandissima verdade. Mas não basta reconhecer o mal: é preciso estudá-lo profundamente e applicar-lhe o remédio efficaz. Queira Deus que as terriveis lições que diariamente ahi se desenrolam à vista de todos, não tenham por effeito insensibilizar aquelles que mais abrigação têm de as sentir. Queira Deus que ellas sejam devidamente interpretadas e attendidas.

L. F.

Arcebispo Primás

Occorreu na passada segunda-feira, dia 16 do corrente, o anniversário natalício do nobre Arcebispo Primás, D. Mauuel Baptista da Cunha.

Conhecedores das qualidades que distinguem o illustre Prelado, sentimos intima satisfação em associar a nossa humilde voz ao geral còro de saudações que em todo o Arcebispado, e ainda fóra delle, têm celebrado a fausta commemoração.

A Deus pedimos que cerque de suas bênçãos e dilate por largos annos a vida do venerando Pastor, fazendo-a perenne felicitação do numeroso rebanho a que preside.

E depois?...

Em certa occasião, visitou a S. Fillipe Nery um jovem que frequentava uma Universidade, e que, como acontece a todos os jovens, tinha a mente cheia de illusões e risonhos projectos.

Recebeu-o o Santo com muita cordialidade e affecto, e depois, fixando nelle um olhar paternal, perguntou-lhe:

—Então, Francisco, conta-me, conta-me em que te occupas.

—Curso as aulas da Universidade para formar-me, respondeu o jovem.

—Supponho que serás um alumno distincto, coberto de corôas e carregado de prémios. E depois?

—Quando tiver conseguido o grau de bacharel, estudarei direito civil e canónico.

—E terminarás a tua carreira com o applauso dos teus professores e serás doutor *in utroque*. E depois?

—Entrarei na magistratura.

—Muito bem: chegarás a ser um jurisconsulto célebre. E depois?

—Casar-me-hei.

—Terás bella e numerosa familia. E depois?

—Continuarei exercendo a minha profissão, para dar uma posição honrosa aos meus filhos.

—Sorrir-te-ha a fortuna e os teus filhos serão ricos. E depois?

—Comporei obras uteis aquelles que seguirem a minha carreira.

—Os teus livros obterám um éxito brilhante; serás o oráculo dos teus companheiros. E depois?

—Gozarei tranquillamente dos bens que tiver reunido, e da consideração que tiver conquistado.

—Perfeitamente: viverás na abundância e o teu nome será honrado. E depois?

—Já por esse tempo serei velho, e, como todos os outros mortaes, pagarei o meu tributo: morreréi.

—E depois?

—Depois... depois...

—Sim, depois, querido Francisco, **Depois** não ha outro remédio senão ser julgado, e no juízo ser absolvido ou condemnado sem appellação e por toda a eternidade. Eu não censuro nada do que pensas fazer. Só te digo que, se te deixas absorver pelo trabalho da vida presente, sem a enlaçar pela fé com as realidades da vida futura, cáis na mais perigosa e cruel de todas as loucuras, qual é a de não attenderes a outra vida senão a deste mundo. Consumir-te has, e cansar-te has em perseguir um phantasma que nunca alcançarás, e à hora da partida encontrar-te has com as mãos vazias, vazias de boas obras que sam a semente da vida immortal, e talvez cheias de iniquidades, que sam o germe da morte sem resurreição.

Francisco guardou silencio, abraçou o Padre, e retirou-se; mas o golpe estava dado. O *depois* do Padre ficou-lhe na alma como uma gotta de resina que cái no cabelo; não podia tirá-lo. De dia e de noite meditava sobre aquelle *depois*, que não se apartava um instante da sua mente nem do seu coração: em breve, com a ajuda de Deus, que nunca nos falta, ainda que a nós nos pareça às vezes o contrario, se desvaneceram as suas illusões, comprehendeu perfeitamente que esta vida não é a vida, e, como homem discreto e sensato que sabe attende ao que verdadeiramente lhe importa, ao *seu negocio*, fez dali em deante desta vida o uso que della devemos fazer: isto é, serviu-se della para ganhar a vida verdadeira.

Carta do Porto

Como sempre, as solemnidades da semana Santa, foram esplendidas no Porto. As exposições do Santissimo Sacramento foram muitas, formosas todas, e distinctas entre as mais bellas as dos Congregados e do Carmo. Estas igrejas sam muito ricas e conservam integro o tradicional costume de festejarem com todo o esplendor aquellas solemnidades.

Em sexta-feira Santa a procissão do enterro de Jesus Christo é também desde sempre, como o foi este anno, um acto imponente do culto que honra o Porto. A guarnição militar da cidade acompanhou o esquife, e este apparato bellico, que aqui significa só o respeito e a comprehensão dum dever que ainda se

cumpre, entre os muitos que já se não observam, contém em respeito uma massa compacta de povo que se descobre respeitosa para ver o prestito commemorativo do mais tragico dos acontecimentos que o homem viu sobre a terra. Não vimos um só homem que se não descobrisse, estando numa multidão delles, assim como não ouvimos um dicerio, uma chufa, nem um escarneo.

Louvado seja Nosso Senhor, que se os homens não estiveram com piedade como deveriam estar se cumprissem o seu dever, com tudo não se enxovalharam com as tristes galas do atheismo e da incivilidade que tantas vezes exhibem publicamente sem respeito pela dignidade propria nem pela alheia.

As ideias novas também têm no Porto os seus proselitos nem isso é para admirar-se, pois que o diabo anda em toda a terra. Já sabemos que em Lisboa tinha pegado a escola francesa do respeito exaggerado a certas coisas, dignas de respeito em todo caso, mas não tanto como lhe querem prestar, mais por uma sublevação das ideias do que pelo respeito do ideal. Queremos mencionar aqui o facto de que, muitos idiotas, quando passa um regimento com a sua bandeira, descobrem-se muito respeitosa perante o pendão da patria, affectando uma veneração ideal e sincera como só elles sabem ter.

Observamos alguns destes respeitadores no dia de sexta-feira Santa, quando os regimentos voltavam da procissão para os seus quartéis. Fazem compaixão tais ritualistas desse culto moderno importado de França. Não ha português algum que desconheça o respeito e o amor pela bandeira da sua patria, os feitos gloriosos dos nossos exercitos e do nosso povo, tem provado em todos os tempos que sabem cumprir admiravelmente esse dever. E se algumas excepções tiveramos a notar talvez que o seu registo coincidissem fatalmente com o tempo dessa homenagem exaggerada. Talvez não haja excepção dum só; todos aquelles que vimos deschapellar-se perante a bandeira — perdõem-nos a illusão se a houver — não seriam capazes de o tirar se passassem em frente duma igreja; quasi se póde garantir que o não tirariam á passagem do SS. Sacramento se a policia os não obrigara a fazê-lo!

Que ridicula coisa: prestam honras divinas á patria e negam-nas a Deus. Imaginam-se os sustentáculos da ordem e do progresso e edificando... castellos no ar, arruinam o que ha de mais sagrado. Com o nome de amigos da patria dam-lhe o osculo de Judas, entregando-a com aquelle signal de amor. Por este signal de respeito e homenagem exigem ao seu semelhante a cruel paga da communhão em todas as suas ideias num plano de subversão e ruina para os verdadeiros filhos da patria. Uma vez mais: no exaggero e na intenção segunda é que está o mal, porque o respeito devido é um dever e uma honra.

O sabbado de alleluia é também *sui generis* aqui. Não ha perigo de a gente morrer de apertos na igreja; por ahi nunca falta gente piedosa,

é certo; mas o grande espectáculo é nas ruas. O commercio, sobre tudo o baixo commercio, tem uma grande veneração por Judas. E' que um Judas, phantasiado segundo o engenho do seu auctor, pendurado num candieiro e o diabo muito preto a esfregar as mãos de contente ou a deitar um binoculo para verificar se a sua victima já está completamente estrangulada, é um charmaris ás lojas daquellas proximidades, melhor do que quantas taboletas o melhor dos artistas soubesse pintar. E' sabido: onde houver um Judas o negocio é por atacado! Por isso não faltam elles no Porto de todos os feitios!

R. L.

HYGIENE

Os inconvenientes do chapéu

O systema piloso abundante no alto da cabeça, a cabelleira é um apanágio da humanidade e um caracter physico que parece dos mais estaveis. Contudo não sam precisas largas observações para verificar que este caracter vai declinando e que o vigor da cabelleira tende a deminuir nos homens. Aqui uma questão se apresenta: Tratar-se-ha duma transformação natural, ou dever-se-ha attribuir o facto aos hábitos do homem? Esta segunda solução parece ser a verdadeira, o que é consolador, pois é permitido esperar que o mal possa ser exterminado.

Esta perda de cabellos, que se vai accentuando de geração para geração, é devida, segunda alguns sábios, ao hábito de trazer a cabeça coberta. Segundo elles, este hábito affecta o systema piloso de tres modos: 1.º privando-o da luz vivificante do sol, da ventilação livre e do movimento dos cabellos produzido pelas correntes de ar; 2.º a pressão das arteriolas do coiro cabelludo, que levam o alimento aos bolbos dos cabellos, deminui nelles a circulação; 3.º finalmente todas as coberturas da cabeça constituem excellente terreno de cultura para os micróbios e facilitam o seu desenvolvimento, estando aliás carregadas delles: na verdade o chapéu, impedindo a acção germinativa dos raios do sol e o movimento do ar, e mantendo sobre a cabeça o calor e a humidade do ar que encerra, offerece todas as condições precisas para obter uma cultura de micro-organismos. Bem se tem reconhecido aliás que uma das principaes causas da calvice sam doenças microbianas do coiro cabelludo, que determinam a ruína das glândulas sebáceas.

Póde-se pois suppôr que é o hábito de trazer a cabeça coberta o que deminui a pouco e pouco o vigor do cabelo. Se o facto não está absolutamente provado, é probabilissimo, e, como quer que seja, nada custa experimentar uma mudança na moda actual. Esta mudança é sobremaneira desejavel, principalmente para os homens, porque, para as mulheres, além de que os chapéus não cobrem senão pequena parte do cabelo, sam geralmente mais leves. Impô-se portanto desde já uma nova moda para as creanças e para os adolescentes do sexo masculino. Recorde-se, para confirmação da theoria, que os homens perdem sobre tudo o cabelo coberto pelas várias espécies de chapéu e conservam quasi sempre o que escapa a tal abrigo.

Os promotores da reforma não esquecem as objecções que se lhes podem oppôr. 1.ª Trazer a

cabeça descoberta póde dar lugar a constipações, dores, rheumatismo: respondem que as constipações, catarrhos, etc., sam de origem micobriana e não podem vir do coiro cabelludo. 2.ª Quanto ás dores e rhumatismos, estão convencidos de que o hábito de trazer a cabeça descoberta, contrahido na verdura dos annos, basta para evitar semelhantes males. Na verdade, dizem elles, a parte da cabeça que não anda coberta não está mais sujeita a taes contratempos, mas antes o está menos talvez. 3.ª Ha perigo incontestavel de expôr a cabeça descoberta ao ardor dos raios do sol; mas ha mil meios de o evitar sem abafar o coiro cabelludo. 4.ª O receio dos corpos septicos que podem depositar-se na parte descoberta, principalmente nas cidades, merece consideração por certo, mas os cuidados hygiénicos da cabeça bastam para lhes evitar as consequências. 5.ª Finalmente o temor de ver os cabellos affectados na sua textura pelo sol, pelo vento e pelo frio não é de base séria, pois que a parte da cabeça não protegida tem um systema piloso sempre cheio de vigor.

Aos nossos leitores talvez lhes custe accommodarem-se a tam razoaveis conselhos que extrahimos duma notavel publicação scientifica. Não lhes damos novidade, dizendo-lhes que continuarão a fazer como entenderem: mas tambem nada nos veda a franqueza de dizer que o afêro ao chapéu, principalmente dentro de casa, muitas vezes transcende os limites da hygiene para offender desairôsamente as leis da civilidade.

L. F.

LITTERATURA

Uma noite de Páschoa

EM TEMPO DE NERO

Era uma tarde de Abril, no campo romano. A natureza, ao declinar do dia, apresentava uma serenidade e uma graça sublime. Além, muito ao longe, o circo immenso das montanhas sabinas fechava o horizonte como um collar de prodigiosas amethystas, que os raios do sol poente banhavam de clarões de ouro e de púrpura. Aqui, ao longo da via Appia, touças de botões de ouro e de lírios serviam aos velhos túmulos consulares de risinho enfeito. A brisa do mar sacudia a nevada coma das amendoeiras e cerejeiras, e os alvos frocos caíam em chuva balsâmica sobre as frentes de mármore e pouco o chilrear dos ninhos; longos bandos de andorinhas, vindas do lado de Nápoles, corriam no azul pallido e pousavam na crista dos aqueductos antigos. As torres, as cúpulas e os altos baluartes de Roma pareciam vibrar sob um veu de vapores luminosos. Uma paz sagrada descia do ceu á terra.

A esta hora dois cavalleiros se encaminhavam lentamente para Roma pela via Appia. Um delles era uma personagem de figura grave e triste, já adeantada em annos, cujo traço e aspecto denunciavam um patricio de alta categoria, mais proconsul ou legado do imperador do que capitão. O outro, moço ainda, de garbo mais militar, escoltava, com ar de familiaridade respeitosa, o magistrado solemne.

O semblante deste, pelo sulco aberto entre as sobrancelhas, pelo cansaço habitual do olhar, pelo amargo vinco da bocca, revelava um soffrimento de alma, talvez um remorso ou um luto, que o tempo pudera enfraquecer, mas que nunca havia de apagar.

Cinco ou seis escravos a cavallo seguiam a pequena distancia os dois cavalleiros.

Como avistavam distinctamente, aberta na muralha secular, a porta Capena:

—«Meu tio» diz o moço «vêdes toda aquella gente que passa através dos campos, aquellas pessoas que vam isoladamente e se dirigem para a quebrada

aberta no ermo, à nossa esquerda? Será caso que já se conspire contra Cesar Nero, segundo o costume dos impérios sábiamente organizados?»

—«Cala-te, estouvado!» replicou o patricio. «Os escravos que cavalgam atrás de nós têm ouvidos... e até os têm os túmulos que orlam este caminho.»

Entretanto o nobre cavalleiro observava attentamente as sombras que erravam no claro crepúsculo primaveril. Repentina commoção lhe passou pela face.

«Vamos tambem nós para aquella mysteriosa quebrada» disse elle á seu sobrinho.

A' bocca dum estreito corredor, que entrava profundamente debaixo da terra, apeou-se o velho do cavallo.

«Has de esperar-me neste logar, Sexto, com os meus creados, e, ainda que a minha ausência seja demorada, prohibo-te que penetres mais dentro.»

O patricio caminhava com um passo tranquillo, guiado pelo andar dos passeadores estranhos que o precediam através da escuridão. Não tardou que ouvisse o rumor vago de multidão, por vezes um canto de vozes supplicantes, um grito de alegria, depois uma voz solitaria, que soava no religioso silencio da assembleia. De súbito, clarões avermelhados allumiaram as paredes do subterrâneo; um fresco odor de fôlhagens e flores fluctuou debaixo da abobada, e o patricio attingiu o limiar duma vasta sala illuminada por centenas de pequenas candeias de barro e toda juncada de jacinthos e jasmims. Ninguém notou a entrada deste desconhecido; ninguém, senão o homem que, assentado em alto escabello, parecia o mestre, o sacerdote e o pae-Pedro, príncipe dos Apóstolos e chefe da Igreja. Este empallideceu e fechou os olhos, como para se recolher em dolorosa recordação. Depois, com um gesto quasi imperioso, apontou ao visitorado improvisado um logar vazio no meio de uma roda de obreiros.

O patricio assentou-se entre um barqueiro do Tibre e um ferreiro do Esquilino.

E a augusta liturgia proseguiu. Homens do povo e soldados, donas de nome illustre na história de Roma e escravos, Gauleses e Syrios escutavam a narração dum moço diácono: era o Evangelho popular da Paixão e da Resurreição, o drama sacrilego, o milagre triumphal de que Pedro celebrava a commemoração nesta noite de primavera, no fundo das catacumbas. O diácono recordava a noite no Jardim das Oliveiras, a traição de Judas, a trágica peregrinação de Jesus através de Jerusalém, o palácio de Anás, o tribunal de Caiphás e—emquanto, em presença dos fieis de Roma, Pedro, debulhado em lágrimas, humilhado, batia no peito— a negação do infeliz grande Apóstolo.

Então o diácono evocou a imagem do pretório imperial, as hesitações e fraquezas de Pilatos, o terrivel grito da multidão: «Crucifica-o! Crucifica-o!» Depois a flagellação, a corôa de espinhos cravada na ensanguentada cabeça de Jesus, o sceptro de canna e o farrapo de púrpura, toda a ferocidade e toda a cruel ironia de Israel parricida.

«Escutai» dizia o diácono «o testemunho de João, o discípulo amado:—Elles saudavam-no como rei dos Judeus, e davam-lhe bofetadas. Pilatos saiu pela segunda vez e disse-lhes: Eiz que vo-lo apresento, para que reconheçais que não acho nelle nenhum crime.» Jesus saiu pois trazendo a corôa de espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos disse: «Eiz o homem!»

Neste momento o nobre Romano cobriu o rosto com uma prega da toga e baixou a cabeça quasi até aos joelhos. Ficou assim immovel por largo espaço. De repente levantou-se como despertado dum sonho ao som dum canto de alegria. O «Alleluia» da Páschoa reboava nas catacumbas, estrondoso como a trombeta de cem archanjos.

Então, a um signal de Pedro, levantou-se um fiel no meio da assembleia e veio postar-se de pé á direita do primeiro Bispo de Roma. «Falla» lhe diz Pedro «e dá testemunho.»

Este homem era um dos discípulos de Emmaús. Referiu o encontro glorioso com Jesus-Christo resuscitado, numa tarde semelhante à daquelle dia, num caminho deserto da Palestina. Jesus ia acompanhando os peregrinos, ligeiro como uma visão, e elles não o reconheciam.

«Por que ides vós tam tristes?» lhes perguntou elle. E elles confessaram-lhe a causa da sua tristeza, a morte de Jesus de Nazareth, do grande propheta que os sacerdotes haviam traído e que os Romanos haviam crucificado.

«Nós esperavamos» lhe disseram «que elle resgataria Israel; e agora, ha já tres dias, tudo acabou. Umas mulheres, que foram de madrugada ao sepulcro e não encontraram lá o corpo, vieram atemorizar-nos dizendo que viram

uns anjos que lhes disseram:—Elle resuscitou!—E o nosso companheiro de viagem, explicando-nos as Escripuras, fez que proseguia o seu caminho para além do castello onde nós tínhamos de passar a noite. Mas consentiu em entrar em Emmaús e ceiar connosco. E eiz que abençoou o pão, o partiu e no-lo apresentou. Então é que nós reconhecemos o Salvador, e, quando nos prostrávamos para o adorar, desapareceu elle da nossa vista.»

De novo resouu nas catacumbas o «Alleluia» paschal. Por sua vez levantou-se o Apóstolo e fallou:

—Oremos, meus irmãos!

—Assim seja!» responderam os fieis.

—Oremos pelos Judeus obcecados, que não comprehendem a vinda do Messias; oremos por nossos paes da antiga Lei, da Lei de Abraham, de Moysés e de David. Oremos pelos gentios, para que elles recebam a boa nova; oremos pelo imperador pagão, por Jerusalém, por toda a posteridade de Adão, Oraí por mim, meus irmãos, para que o Senhor me perdôe. Oraí por vós mesmos, para que o Senhor vos dê a firmeza na fé, a constância na perseguição, a coragem no martyrio!

—Assim seja! Assim seja!» responderam os Christãos.

—E oraí por este homem» clamou com voz forte o pescador da Galileia, voltando-se para o desconhecido, cuja toga era bordada duma banda de púrpura.

Nisto, o discípulo de Emmaús olhou para o estranho e, todo trémulo, proferiu um nome que fez estremecer a comunidade. Algumas mulheres desmaiaram; algumas creanças arremessaram-se desatinadas aos braços de seus paes. E Póncio Pilatos dirigiu-se para o Apóstolo.

Fallou no meio dum silencio sepulcral. Affirmou o sincero desejo que tivera de salvar a Jesus de Nazareth; a impossibilidade em que o furor do povo e da synagoga o havia posto de arrancar Jesus ás garras da lei judaica; o seu dever de magistrado romano de prevenir uma rebellião contra Roma; finalmente a amargura das suas recordações e a perturbação do seu coração desde aquelle dia.

«Não tens que defender-te.» respondeu Pedro «Tu não és entre nós um accusado, porque o Senhor perdoou a seus algozes, e nós acabamos de orar por ti. E depois o mysterio de misericórdia e amor vai completar-se.»

Dois moços apresentaram ao Pontifice um açafate de pães. Pedro abençoou-os, partiu-os e deu-os aos fieis. Mais uma vez ecoou o «Alleluia». A comunidade em seguida principiou a dispersar-se. Os Christãos passavam ao lado de Pilatos sem cólera, antes com uma espécie de respeito. Pois não era elle, apesar da sua falta, uma das maiores testemunhas da Redempção?

Pilatos, com seu passo tranquillo, saiu das catacumbas embalsamadas de flores. Sexto e os escravos esperavam-no onde elle os havia deixado. Pilatos montou outra vez a cavallo, reentrou em Roma e dirigiu-se para o seu palácio sem responder palavra ás perguntas de seu sobrinho, com a vista mais carregada de tristeza, com a bocca mais dolorosa e com a cabeça pendida sobre o peito.

Trad. de Gebhart por

L. F.

CURIOSIDADES

Minas de Carne.—Ha malignos para contar que em certos países viram pedreiras de presuntos. Exaggeram, mas agora poderam dizer que ha minas de carne nas minas de carvão. Do alcatrão de hulha, esse verniz infecto e viscoso que serve para calafetar os navios, extrahe-se a maior parte das côres artificiaes e dos perfumes, sem fallar em numerosos productos pharmaceuticos. Acaba de descobrir um sabio allemão um processo que permite extrahir ainda do alcatrão de hulha um producto alimentar supranutritivo, uma coisa como sumo de carne. Se isto é verdade, já não haverá differença essencial entre uma fabrica de gaz e um talho.

O Sultão.— Em setembro passado o sultão que nasceu a 22 de setembro de 1842, tinha sessenta e tres annos. Em outubro tinha sessenta e cinco! E' o jogo dos calendarios que produz estes effeitos inesperados. Com effeito o anno turco é mais curto que o

nosso uns dez dias. Isso faz que, como muçulmano, o sultão, nascido a 16 de chaban de 1258, teve, a 16 de chaban de 1328, sessenta e cinco annos andados. Como príncipe europeu, Abdul Hamid II tem sessenta e tres annos; como kalifa do Islam tem sessenta e cinco. Para os turcos é só esta ultima avaliação que se toma.

O coração de Luís XIV.

—O coração deste rei está em Westminster. Um inglês, Labouchère, conta esta história como ouvindo-a do fallecido coronel Harcourt, que albergou durante a revolução um conego de San-Denis. No momento de voltar ao continente, o conego puxou do bolso por um objecto extravagante, do comprimento de quasi um pollegar: «Este objecto», disse «que eu vos convido a guardar em memoria minha, é nada menos que o coração de Luís XIV. Eu estava na cathedral de San-Denis quando os tumulos foram abertos, e dispersas ao vento as ossadas que continham. O coração do grande rei estava encerrado num cofresinho especial. Levei-o commigo quando fugi.» A familia Harcourt acceitou com gratidão esta reliquia. Mostrava-a com orgulho aos seus visitantes. Um dia fizeram-na ver ao dr. Bukland, deão de Westminster, que molhou o dedo, esfregou com elle o coração do illustre monarcha e depois de repente engoliu a real viscera. Pouco depois morria e o seu despojo mortal foi inhumado na abbadia de Westminster. Vão-se fazer pesquisas.

Negros.— Os negros de Macon (Missoure) fazem o impossivel para se fazerem encerrar na prisão do districto. E eiz a razão: a humidade desta prisão teve um effeito curioso em certos prisioneiros de côr que nella tinham sido encerrados; ella quasi os branqueou. E' indiscretivel que na America a maior parte dos negros não estão contentes com a sua côr natural. Assim, desde que esta boa noticia começou a espalhar-se, os negros precipitaram-se nos tribunaes do país e accusaram-se de todas as especies de crimes. O cherife mandou quinze para a prisão, e depois, dirigindo-se aos outros aspirantes, disse-lhes: «Eu bem vos comprehendo: se algum de vós deseja ser branqueado, use de papel de vidro ou duma lima; eu não tenho intenção de guardar pessoas num logar que para ellas não é uma prisão, mas uma loja de belleza.» E para acabar com as pretensões, decidiu-se que a prisão já não podia servir.

O laicalismo francês.

— Está averiguado que o laicalismo que domina em França, não tem felicitado esse país. Ha em França vinte mil pessoas, pelo menos, sem domicilio, que não dispõem de nenhuns meios nem se entregam a nenhum trabalho habitual. Estão na «rua». E' o effectivo dum corpo de exercito imponente. Suppondo que cada uma dellas gasta em media um franco por dia, seriam precisos 7 milhões e meio para as sustentar durante um anno. A esta cifra deve-se ajuntar o prejuizo causado pelos seus roubos, muito superior ao beneficio que ellas tiram delles; as despesas de policia, os adiantamentos das municipalidades e dos particulares para a criação e sustentamento de asylos da noite, de fornos economicos, de sociedades de assistencia, etc., etc., tudo isso representa muitos milhões. O laicalismo ainda não descobriu meio de combater esta chaga.

Batalha. Em Nova-York *Num transvia.*—Um carroceiro salta para um transvia e ordena ao guarda-freio, apontando-lhe um revolver á cara, que parta a toda a velocidade, porque é perseguido por dois homens que o querem matar. Um segundo mais tarde dois individuos escalam o transvia e começa um tiroteio em regra entre elles. Esgotadas as munições, os tres malvados batem-se com as coronhas dos revolvers. Emfim chegam os policiaes e prendem os combatentes, debilitados com numerosas feridas que tinham recebido. Os passageiros, assombrados com o espectáculo que inesperadamente tiveram de contemplar, agacharam-se por debaixo dos bancos ou abaixaram-se sobre o pavimento.

NOTICIARIO

Associação Artística.—Realizou-se segunda-feira ultima, ao meio dia, na Associação de Soccorros Mutuos Artística Vimaranesa, uma sessão solemne para a inauguração do retrato do seu benemerito bemfeitor Antonio Joaquim da Costa Guimarães.

Pelas 11 horas foi resada uma missa na igreja de S. Francisco, a que assistiram a direcção e bastantes socios daquella associação, tendo saído incorporados da sede, á rua de Gil Vicente, com a sua bandeira, e acompanhados por uma philharmonica.

A sessão foi presidida pelo snr. presidente da camara, rev. Abade de Tagilde, tendo como secretarios os snrs. Antonio José Ribeiro e Manuel Lopes Martins, presidente e secretario da direcção.

Aberta a sessão foi lida uma allocução pelo snr. Antonio José Ribeiro em que mostrou o movimento da Associação desde a sua fundação até esta data, fazendo tambem referencias elogiosas ao fallecido bemfeitor Costa Guimarães e convidando o snr. presidente da sessão a descerrar o retrato daquelle benemerito que estava vedado pela bandeira nacional, sendo este acto acolhido com salvas de palmas.

Depois foi lida outra allocução pelo snr. Abade de Tagilde agradecendo o convite que a direcção da Associação Artística dirigiu á camara para assistir áquella festa, e referindo-se á Associação e aos seus benemeritos.

Tambem usaram da palavra os snrs. Conde de Margaride, dr. Joaquim José de Meira e dr. Eduardo de Almeida, sendo todos muito applaudidos.

A sessão foi muito concorrida. Os snrs. Conde de Margaride e Domingos José de Sousa Junior offereceram 200000 reis cada um para o cofre da Associação.

Asylo de Santa Estephania.—Foram entregues neste asylo, durante o mês findo, as seguintes esmolas:

Do snr. Joaquim Martins de Macedo e Silva, a quantia de 20500 reis para ajuda do jantar do dia 4; de um anonymo, uma arroba de bacalhau; de um anonymo, a quantia de 30000 reis para comprar um bacorinho; de um anonymo, uma pescada com 2 e meio kilos, dois pudins, duzia e meia de pasteis e uma lampreia; do snr. dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes (Margaride) e sua ex.^{ma} esposa, a quantia de 20500 reis para melhorar o jantar do dia 19; do snr.

Conde de Margaride, a quantia de 20500 reis, para melhorar o jantar do dia 19.

E' digna da protecção dos bafejados da fortuna uma instituição como esta, que alberga 50 creanças, sustentando-as, vestindo-as e educando-as convenientemente.

Bem hajam pois todos aquelles que sabem comprehender os santos preceitos da caridade.

Cadastrros de desobriga.—Na Typographia Minerva, á rua de Payo Galvão, em frente á Praça do Mercado, encontram-se á venda os *Roes ou cadastros de desobriga*, impressos em papel delinho de primeira qualidade e feitos segundo os melhores modelos conhecidos.

Na mesma officina se faz a brochura ou encadernação dos mesmos, conforme o desejo dos rev.^{os} Parochos.

Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado.—Realizou-se domingo, como dissemos, a festa commemorativa do 1.^o anniversario da fundação desta collectividade.

As 11 horas foram os socios assistir a uma missa que foi resada no templo de S. Francisco em suffragio da alma dos socios fallecidos.

As 8 horas da noite começou a sessão solemne, presidida pelo snr. dr. Motta Prego, com a leitura de uma allocução pelo presidente da associação e outra pelo presidente da caixa de soccorros annexa á mesma, usando da palavra em seguida os snrs. dr. Motta Prego, dr. Eduardo de Almeida, rev. Gaspar Roriz e general Chaby, que foram muito applaudidos.

A sessão foi concluida com a leitura de uma allocução pelo snr. Antonio Rodrigues, secretario da direcção.

Teve bastante concorrência. O snr. Sousa Junior offereceu para fundo da caixa de soccorros a quantia de 100000 reis.

Camara Municipal.—Na sua sessão de 4 de abril, depois de lida e approvada a acta da anterior sessão ordinaria, foi esta aberta ao meio dia.

Officios:
Dos ex.^{mos} snrs. Conde de Paço Vieira e Visconde de Guilhomil, protestando o seu agradecimento pelos votos de condolencia que esta municipalidade fez inserir em uma das actas das sessões anteriores por occasião do fallecimento de seu pae o ex.^{mo} snr. Barão de Paço Vieira; inteirada.

—Do snr. Administrador deste concelho, sob o n.^o 126, com data de 29 de março proximo findo, participando ter tomado posse deste cargo para o qual foi nomiado por despacho do dia 26 do referido mês; inteirada.

—Do mesmomagistrado, sob o n.^o 129, com data de 30 do mês proximo findo, pedindo esclarecimentos acerca da deliberação tomada por esta Camara em sessão de 13 de dezembro do anno findo e a que se refere a deliberação tomada em sessão de 7 de março, a propósito do concurso publico para o arrendamento a longo prazo do estabelecimento thermal das Caldas das Taipas; inteirada, mandando enviar copias authenticas das deliberações alludidas.

—Do Meritissimo Governador Civil deste districto, circular n.^o 6,

com data de 2 do mês corrente, communicando ter tomado posse e entrado em exercicio das funcções do seu cargo para o qual foi nomiado por despacho de 23 do mês preterito findo, e asseverando a esta municipalidade a sua sincera e franca coadjuvação em tudo quanto dependa das suas attribuições; inteirada, protestando o seu agradecimento.

—Da Associação de Soccorros Mutuos Artística Vimaranesa, sob o n.^o 113, com data de 3 do mês corrente, convidando o snr. presidente da Camara a presidir á sessão solemne que deve realizar no dia 16 do mês corrente para inaugurar o retrato do fallecido bemfeitor da mesma Associação Antonio Joaquim da Costa Guimarães; inteirada, deliberrando acceitar e acceder ao convite.

—Do snr. Administrador deste concelho, sob o n.^o 139, com data de 4 do mês corrente, pedindo a cedencia para os serviços da Administração do concelho, enquanto se não tornar necessaria aos serviços municipaes, dum parte devoluta do edificio municipal á rua das Lamellas onde esteve installada a repartição de fazenda deste concelho; deliberrando ceder provisoriamente nos termos pedidos.

Ficou inteirada dos despachos dados pelo ministerio do reino ás seguintes deliberações:

—Approvando o projecto e orçamento para a obra de prolongamento da rua de Payo Galvão, approvados pela Camara em sessão de 15 de outubro de 1902.

—Approvando o projecto e orçamento para a obra de construção da cadeia comarcã, approvados pela Camara em sessão de 21 de fevereiro do corrente anno.

—Approvando a deliberação tomada em sessão de 14 de março da responsabilidade pelo fornecimento de casa, mobilia e utensilios escolares para a escola primaria de ensino mixto com sede na freguesia de S. Vicente de Mascotellos, em projecto de criação.

—Approvando a deliberação tomada em sessão de 14 de março findo, da responsabilidade pelo fornecimento de casa, mobilia e utensilios escolares para a escola do sexo masculino com sede na freguesia de S. João de Airão, em projecto de criação.

Requerimentos:

De Neves & Companhia, firma commercial desta cidade, pedindo licença para levantar um estrado em frente á muralha sita no largo de D. Afonso Henriques, desta cidade, afim de pintar uma taboleta no meio da alludida muralha; concedida sem embargo ao transitio publico.

—Da mesma firma, pedindo licença para mandar pintar um reclamo na muralha em frente á Avenida do Commercio, sita no largo de D. Afonso Henriques, desta cidade, com os seguintes dizeres: Neves & Companhia, rua de Gil Vicente n.^o 51 a 65. Grandes officinas e armazem de moveis, tapetes, estofos e colchoaria, mobilia de ferro, etc., etc.; concedida na parte em que a Camara tem attribuições para isso.

—De Antonia Maria, viuva, proprietaria, moradora no logar da Boavista, freguesia de Ronfe, deste concelho, participando que Joaquim Pereira de Abreu, proprietario, morador no logar da Igreja, da mesma freguesia, construiu sem licença da Camara uma ramada defronte da casa da requerente e sobre o caminho publico no logar da Boavista; para o que pede providencias; a Camara, verificando que o caminho de que se trata não é publico, mas sim servidão particular, não toma conhecimento do requerido.

—Foram lidas as participações das occurrencias havidas na luz pública durante as noites dos dias vinte oito do mês preterito findo até hoje, das quaes a Camara ficou inteirada.

Deliberações:

Deliberou mandar organizar o projecto e orçamento das reparações de que precisa o caminho municipal que da estrada real n.^o 32 serve as freguesias de Polvoreira, Mascotellos, Cadoso, Nespereira, etc., passando pelo logar de Santo Amaro, aonde se realiza a mais importante feira annual de gado bovino.

—Deliberou approvar o projecto e orçamento para o fornecimento de pedra britada para as estradas municipaes n.^{os} 11 e 13, nos lanços de Taipas a Donim, e Silveiras á Ponte de Serves, na importancia de reis, 275000 fazendo a aquisição por administração propria.

—Deliberou fazer a aquisição dum estante para guarda dos livros do matadouro municipal, e bem assim dum secretario necessaria para o archivo municipal.

—Deliberou aproveitar a canalização antiga e hoje desnecessaria ao fim a que se destinara, na montagem do encanamento para a rega do largo do Carmo, desta cidade.

—Deliberou proceder á organização dum projecto e orçamento para deposito de ossadas e outros despojos cadavericos no cemiterio publico municipal denominado da Athouguia, e bem assim á adaptação para enterramento dos acatholicos no terreno municipal que se acha posterior ao mesmo cemiterio.

—Deliberou mandar proceder á construção dum valêta urgentemente necessaria na estrada da Costa, fazendo-se esta obra por administração propria, observando-se o preceituado no Cod. Adm.

—Deliberou autorizar o snr. presidente a proceder ao pagamento dos subsidios de lactação e salarios das amas dos expostos a cargo deste concelho, relativos ao primeiro trimestre do corrente anno, sommando a folha dos subsidios a quantia de 1005805 reis e a dos salarios ás amas a quantia de reis 2425085.

—Deliberou conceder subsidios de lactação até completarem um anno de idade, visto acharem-se ao abrigo da lei como tudo melhor consta dos respectivos processos, as seguintes crianças: Maria, filha de Rosa Maria do Carmo; Elias, filho de Thereza de Oliveira; Emilia, filha de José da Silva e de Maria Rosa; João, filho de Amelia Moreira; Francisco, filho de Maria Martins; Joaquim, filho de Garpar Fernandes e de Emilia de Oliveira; Joaquina, filha de Maria Pereira; e Maria da Immaculada Conceição, filha de Ermelinda Ferreira.

—Deliberou prorogar o subsidio concedido a Anna, filha de Rosa Pereira, até que complete 18 mezes de idade, visto achar-se pouco desenvolvida na dentição, como tudo melhor consta do respectivo processo.

—Deliberou admitir no hospicio dos expostos como desvalidos até completarem um anno de idade a José, filho de Emilia da Silva, da freguesia de S. Jorge de Selho; e José, filho de Felicidade Ferreira, da freguesia de Serzedello, visto acharem-se ao abrigo da lei como tudo melhor consta dos processos instaurados.

—Deliberou continuar a abonar salario ás amas criadeiras dos expostos matriculados sob n.^{os} 8, de 1899; 2, de 1891; e 32, de 1898, visto provar-se que os mesmos não podem angariar os meios necessarios á propria subsistencia, como tudo melhor consta dos respectivos processos.

—Deliberou fazer obras a mais alem das projectadas constantes do

projecto de arrematação da reparação e melhoramento do caminho municipal entre as freguesias de S. Pedro de Azurem e Santa Eulalia de Fermentões, no logar do Alto da Conceição, arrematada por Bento Martins, até á quantia de 295000 reis, visto na execução da mesma obra reconhecer-se a sua necessidade.

—Auctorizou diversos pagamentos.

Finalmente foi apresentada uma proposta pelo vereador snr. José Pinheiro, que publicaremos no proximo numero.

EXPEDIENTE

Estando em cobrança o 1.^o semestre do 3.^o anno de *A Restauração*, rogamos a todos os snrs. assignantes o penhorante obsequio de satisfazerem os recibos logo que estes lhes sejam apresentados, ou mandarem liquidá-los nas estações postaes para onde acabam de ser enviados.

Não podemos deixar de agradecer, neste momento, áquelles dos nossos obsequiosos cooperadores que sempre têm pago adiantadamente as suas assignaturas, bem como aos que pagam pontualmente os recibos logo que estes lhes sam apresentados ou que para isso recebem aviso.

A par daquelles, que sam poucos, e destes que sam bastantes, felizmente, e que sam, aquelles e estes, com quem contamos para o regular seguimento da nossa publicação, temos outros que ainda nos devem a sua assignatura desde o n.^o 1, que foi publicado em 1 de dezembro de 1903, sem que até hoje tenham devolvido o jornal, demora esta que nos occasiona grandes embaraços no serviço de administração, e sacrificios que se evitavam se soubessem cumprir religiosamente o seu dever, pois que, quando se não deseja coopear numa obra, seja ella qual fôr, mas principalmente na publicação de um jornal que se destina exclusivamente á diffusão de sãs doutrinas, têm ao seu dispôr um meio simplez, e demais a mais gratuito, só com o aliás insignificante incommodo de escrever—*devolvido á redacção*—e mandar lançar na caixa do correio mais proxima o 1.^o numero que se receba.

A estes, portanto, fazemos um último appello para que mandem liquidar os seus debitos, na certeza de que nos é absolutamente impossivel continuar a enviar-lhes o nosso modesto semanario na dúvida de recebermos o preço da assignatura.

Não podendo levar a bem que nos puguem o *calote* que monta a algumas dezenas de mil reis, reservamo-nos a ulterior procedimento se não fôr agora attendido o nosso justo pedido.

A administração.

SERMÕES

do Veneravel Padre **SEGNERI**, da Companhia de Jesus

(O Cicero christão)

Seguidos de observações criticas pelo reverendo **JUAN MARIA SOLÁ**
da mesma Companhia

Traduzidos em português pelo Presbytero

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice", e redactor da "Revista Catholica",

A Empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu, no intuito de fornecer aos reverendos sacerdotes e parochos o melhor e mais puro modelo de oratoria sagrada, principiou a publicar os monumentaes **Sermões** do grande orador sagrado, o Veneravel PADRE **SEGNERI**, da Companhia de Jesus.

O titulo glorioso de *Cicero christão* com que o Veneravel Padre e zelosissimo missionario apostolico italiano é conhecido em todo o mundo sabio, só por si, sam a mais alta recommendação da obra que vai sair a lume.

Para se avaliar a sua importancia e necessidade, vamos transcrever do Prologo o testemunho auctorizado de Guilherme Audisio, presidente da Academia de Soperga, em Turim, e mais tarde conejo de S. Pedro no Vaticano e lente de direito da Universidade da Sapiencia em Roma, que deixou escripto nas suas formosas *Lições de Eloquência Sagrada* que dedicou ao immortal Pontifice Pio IX:

"Segneri, o grande Segneri, nascido em Nettuno (provincia romana) em 1624, grande pela natureza e tornado ainda maior pelo estudo que fez, incansavelmente, nos modelos de toda a litteratura classica italiana, tomou sobre si o honroso encargo, lutando contra uma nação inteira, de despertar o genio oratorio de Cicero. Começou por lançar fóra da eloquência sagrada os ornatos profanos, as metaphoras empoladas, e os caprichos que a ignorancia dos seculos precedentes tinha introduzido, e o mau gosto daquelle tempo tinha desmedidamente augmentado.

"Pós-se a tratar, não assumptos paradoxaes, de que, como diz Roberti, ao menos uma quarta parte era falso, onde o orador se via em sérios embaraços para reduzi-los a um sentido verdadeiro e catholico; não proposições exquisitas, que não visavam a instruir, mas a impôr-se pela novidade: mas sim verdades christãs, e não só christãs mas práticas; demonstrando-as quasi sempre com a auctoridade das Sagradas Escripturas e dos Padres, com o sentimento e com a razão.

"Depois de assim escolhida entre as verdades mais uteis e solidas a sua proposição, que enuncia com força e lucidez, desce à disposição das provas.

"E nenhum outro orador, quer sagrado quer profano, jámais as dispôs com magisterio mais subtil de sabedoria, encadeando-as entre si, apertando o ouvinte com vinculos tam fortes, que lhe tornava a um tempo necessario e doce o render-se.

"E tanto no convencer como na promoção dos affectos, é sempre e em toda a parte, a par de Demosthene, o orador popular.

"Como sabe encarnar e colorir as provas, servindo-se de imagens!

"Como a attenção, que facilmente cairia enfraquecida e extincta na aridez do raciocinio, é por elle avivada, já com a belleza das narrações, já com um dialogo franco e natural, que não abandonando a si mesmo os ouvintes conciliava para o discurso a vivacidade e o deleite de conversação animada!

"Como o seu estylo é nobre e elegante, energico e forte!

"Cada palavra sua, escreve Andres, é a mais apropriada, cada phrase a mais expressiva, cada periodo o mais justamente medido, as expressões significativas e opportunas, as figuras bem manejaadas, e todas as luzes da dicção empregadas com maestria e facilidade.

"Se faz uma narração, pinta-a com as côres mais naturaes e verdadeiras; se move um affecto, estimula-o com a força mais viva e ardente; se quer amplificar um sentimento, apresenta-o com maior luz, e com dignidade mais nobre; e o seu estylo brilha com os ornatos duma fecundia natural, sem os vicios desmedidos duma affectação estudada."

E basta de citação para se ajuizar do que é esta obra.
A seguir serão também publicados os

SERMÕES ABREVIADOS para todos os domingos do anno

POR

Santo Affonso Maria de Ligorio

Condições da assignatura

A obra é distribuida em fasciculos de cinco folhas magnificamente impressas em optimo papel, de formato 8.º grande.

Cada fasciculo custará apenas 160 reis, que serão pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberão os fasciculos pelo correio sem augmento de preço, e pagarão de cinco em cinco fasciculos, para o que lhes serão enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos. A distribuição será feita com a maxima regularidade.

Tem direito a um exemplar quem angariar dez assignaturas e se responsabilizar pelo seu pagamento.

A empresa accêita correspondentes em todas as terras onde os não tem, dando referencias naquella cidade.

ANUARIO DO DISTRICTO DE BRAGA

Commercial, industrial, agricola, burocratico, biographico, descriptivo e chorographico

para 1906

DIRIGIDO POR LAURINDO COSTA

EDIÇÃO ILLUSTRADA

Acaba de ser posto á venda este valioso elucidario que traz informação segura de todos os concelhos do districto de Braga, pelo que se torna uma obra altamente indispensavel a todas as repartições publicas, casas de commercio, fabricas, estabelecimentos bancarios, e a advogados, medicos, pharmaceuticos, proprietarios e agricultores, em edição muito primorosa, e illustrada com retratos e biographias de filhos de Braga, que pelo seu talento se têm distinguido, em carreiras litterarias, scientificas e artisticas.

Um grosso volume de cerca de 500 paginas, impresso em bom papel, 500 reis, pelo correio 550 reis.

Empresa editora de *A Folha do Minho*, rua Rodrigues de Carvalho, 46. 1.º—Braga.

Em Guimarães—Livraria Freitas.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e fructos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

"O Valle das Lagrimas é um assombro de sentimento christão, a mais bella e fortificante apothéose dessa gota-estrella, divinizada por todos os poetas religiosos e chamada com eufonia — a lagrima".

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

HISTORIA SAGRADA

DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

(Vida de Jesus-Christo e dos primeiros apóstolos) acompanhada de 80 gravuras e de dois mapps e um plano de Jerusalem

PELA

«ESTRELLA DO NORTE»

Com approvação do Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, brochada—160 reis. Cartonada — 200 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO

SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatísticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persaspelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volume^s á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas

POR

Monsenhor **MANUEL MARINHO**

Approvada e Indulgenciada

pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	1\$000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.